

## Fórum social mundial: a hora das alternativas

Emir Sader

O sistema de poder mundial faz água por todos os lados. O fracasso da rodada de Doha, da Organização mundial do comércio (Omc), e a guerra movida por Israel contra o Líbano e a Palestina - revelam, de forma mais clara -, a incapacidade do modelo econômico neoliberal e da “pax americana” de promoverem nem sequer uma ordem, ainda que precária e injusta, para o mundo.

Esgotou-se a capacidade de negociação da Omc. A guerra do Líbano não encontra nenhuma instância para intermediar os conflitos e buscar soluções harmônicas e justas - salvo que alguém leve a sério que o governo dos Eua, protagonista essencial desta guerra também, possa funcionar como mediador de um conflito em que é parte ativa.

O movimento por “um outro mundo possível” nasceu da crítica das políticas de livre comércio da Omc, em Seattle. Os Forum sociais mundiais (Fsms) tiveram na crítica à hegemonia das grandes potências e dos conglomerados internacionais promovida pelas políticas da Omc um de seus temas fundamentais. E agora, quando a Omc fracassa, o que o Forum social mundial (Fsm) tem a propor? Foi correta a luta de resistência às políticas de livre comércio. Como passar da resistência às alternativas?

Não se parte do zero. As teses do “comércio justo” encontram hoje na Alternativa bolivariana para as Americas (Alba) um bom exemplo, mesmo se regional. É preciso levantar os princípios do “comércio justo”, aquele em que cada país entra com o que possui, independente do valor de seus produtos de exportação no mercado internacional. Um comércio baseado na solidariedade e nas necessidades mútuas, que o governo de Evo Morales chama de Tratado de Solidariedade entre os Povos.

O Fsm, se quiser estar à altura da luta atual por um “outro mundo possível”, precisa formular imediatamente nossas propostas, buscando convencer aos governos comprometidos com uma ordem mundial mais justa, para estabelecer uma aliança entre os movimentos sociais e as forças que podem concretizar um comércio justo. Foi assim que se constituiu o Grupo dos 20, como articulação de governos, em Cancun, depois das mobilizações contra a Omc levadas a cabo pelos movimentos sociais.

Algo similar acontece com a paz no mundo. Nunca houve tantos focos de guerra ao mesmo tempo. E nunca houve uma ausência tão completa de instancias buscando acordos de paz justos e duradouros. O Fsm teve iniciativas paralelas de encarar a luta pela paz no mundo como seu problema. Mas nunca incorporou à sua programação oficial o tema da luta contra a guerra. Mesmo se as maiores manifestações da história da humanidade tivessem sido organizadas a partir dos movimentos que participam dos Fóruns Sociais - aquelas contra a guerra do Iraque -, o Fsm não fez, até aqui, como sua, essa luta. E no entanto, não existirá “um outro mundo possível,” sem derrotar a política imperial de guerra dos Eua e sem se formular propostas para cada um dos focos de guerra - Iraque, Afeganistão, Colômbia, Palestina, Líbano -, que mostrem que um outro mundo é possível, um mundo de paz e sem guerras.

É a hora do Fsm, que soube construir o espaço de luta por “um outro mundo possível”, de propor os caminhos para a construção desse mundo.



## Atualidades amazônicas

Reinaldo Zuardi

### Sumário

1. A reconstrução da Rodovia federal cortando o Estado do Amazonas
2. Ponte sobre o Rio Regro
3. Festival de ópera
4. Índios
5. Gerenciamento de bacias hidrográficas
6. Instituto nacional de pesquisas amazônicas

### 1. A reconstrução da Rodovia federal cortando o Estado do Amazonas

**P**roposta de reconstrução de Rodovia federal cortando o Estado do Amazonas, gera polêmica no Estado do Amazonas (Brasil).

O debate mais atual no Estado do Amazonas é a obra do governo federal do plano de aceleração do crescimento (Pac), lançado no ano passado pelo governo Lula. A discussão sobre o re-asfaltamento da BR-319, que liga Manaus (AM) a Porto Velho (RO), construção de ferrovia ou ainda revigorar a navegação por cabotagem, está colocada. Os fatores políticos e econômicos preponderam sobre o científico e ecológico, pois a navegação de cabotagem de longo curso, tal qual como faz hoje a Petrobrás na região, seria a solução mais natural, considerando a preservação da floresta. As obras de re-asfaltamento da BR-163, que liga Santarém (PA)/Cuiabá (MT) já começaram, paralisaram por algum impasse momentâneo, mas vão continuar logo em seguida.

Quer dizer que: a alternativa já está colocada a mesa. A hidrovía pelo Rio Madeira vai continuar funcionando, e a opção da estrada que ligaria Manaus ao resto do País via Santarém, já está andando, e a BR-319 foi como continua sendo, um equívoco da época da sua construção. Aliás graças a falta de sua manutenção é que a área por onde ela passa está preservada até hoje.

Sem falar ainda que as mercadorias produzidas no Pólo industrial de Manaus, vão continuar sendo escoadas via aérea, e a própria Federação das indústrias do Estado do Amazonas, não tem interesse de entrar neste debate, visto que os produtos nele produzidos são de alto valor agregado, e de tecnologia de ponta, e o frete aéreo para escoamento das mercadorias a outras regiões do País sai barato, considerando o preço das mercadorias. Por ser de alta tecnologia, as empresas tem pressa de colocar sua produção no mercado, antes que fique obsoleta a tecnologia dos produtos já produzidos.

Visto estes pontos, convém salientar que graças ao histórico da região, é que seguimos a sina de ser, não obstante o tamanho do Estado, um dos mais preservados da nação. Poderíamos dizer neste sentido que é a vocação natural (nem tanto) do Estado.

Não havendo assim argumento que desfaça essa historicidade, a não ser a farsa dos discursos desenvolvimentista e integracionista.

Outra vantagem da utilização da hidrovia do Rio Madeira é que o porto de Manaus poderia ser construído em Itacoatiara (AM), na foz do Madeira, o que ajudaria no processo de desenvolvimento do interior do Estado, o que até a presente data nunca foi prioridade dos governantes locais, tal como é o entreposto da empresa do atual governador do Mato Grosso (MT), o que garante maior desenvolvimento ao interior, além de não atravancar o trânsito já caótico da cidade de Manaus, que possui cerca de 2 milhões de habitantes, e com o boom da indústria automotiva e aumento e facilitação do crédito aos consumidores, são emplacados diariamente 80 veículos novos no Estado.

O jogo político dessa discussão interessa a todos políticos, pois a manipulação da população que desconhece esses detalhes técnicos, faz com que garantam muitas eleições a muitos deles e que o engajamento deste ou daquele lado, e fazer obras garante os votos necessários neste jogo de interesses dissimulados.

Afinal o que está em jogo para a população é a possibilidade de ligar Manaus (AM) ao resto do País por estrada, e que dessa forma garanta através de uma integração mais rápida de transporte, que o Estado possa se integrar culturalmente a região, pois o Estado de Roraima (RR), também depende dessa integração e será indiretamente beneficiado.

Estão previstas a criação de 9 Unidades de conservação da Natureza, entre Manaus a Porto Velho, como forma de garantir um controle sobre a região, e impedir o avanço da fronteira agrícola e pecuarista pela região do Sul do Estado do Amazonas.

Este é um problema decorrente do tamanho continental do País, que possui 8,5 milhões de quilômetros quadrados, e a floresta amazônica com quase metade desse território.

## **2. Ponte sobre o Rio Negro**

Outra obra de caráter grandioso, essa já licitada pelo governo do Estado do Amazonas (AM), é a ponte sobre o Rio Negro, em frente a cidade de Manaus, que deve dar outra feição a capital do Estado, e ligar cidades através de ligação rodoviária, que produzem mais de 25% dos produtos agrícolas consumidos na cidade.

As cidades de Iranduba, Manacapuru e Novo Ayrão, já totalmente interligadas por estrada asfaltada, irão ser as cidades beneficiadas diretamente com a construção da ponte, e Caapiranga, Anori e Codajás o serão indiretamente, e considerando que o interior do Estado possui 61 municípios, a ponte dinamiza a economia de 10% dos municípios do Estado, que têm dimensões territoriais muitas vezes maiores que muitos países europeus.

Embora estejam os estados da região norte do Brasil (9), sob a maior bacia hidrográfica do planeta, ainda vemos grande parte (40%) das populações urbanas ainda sem água encanada, e 60% dessa mesma população sem tratamento de esgoto.

Pela primeira vez, o governo estadual e municipal uniram-se para fazer um plano, junto com a empresa Águas da Amazônia, de nos próximos 20 anos, levar água encanada e esgoto para toda população da cidade de Manaus, com a construção de mais 2 (duas) estações de tratamento de água.

Após estes 20 anos, será necessário ainda fazer o mesmo nas cidades do interior, nos 61 municípios, o que significa uma tarefa hercúlea, considerando que municípios ao Sul do Estado do Amazonas como o de Envira, que fica quase na divisa do Estado do Amazonas com o Acre e com o Peru, que distam da capital 25 dias de barco para lá chegar, navegando pelos meandros dos rios da região, e fazendo conexão de embarcações, pois não existem barcos diretos para a referida localidade.

### 3. Festival de ópera

A Secretaria de cultura do Estado do Amazonas, organiza para início dia 14/04/08, o XI Festival de ópera do Amazonas, cujo destaque esse ano é a peça, *Ça-ira* de autoria do vocalista Roger Walter, ex-Pink Floyd, no teatro Amazonas, construído em 1895, ainda pelos ingleses, no auge da produção de borracha.

### 4. Índios

O administrador da Fundação nacional do índio, ligada ao Ministério da justiça, em Tabatinga (AM), declarou em 24/03, que os indígenas da região do alto rio solimões, da etnia tükunas, estão sendo explorados pelos produtores de coca, colombianos que fazem os indígenas da região transportar o produto até Manaus e outros centros consumidores.

Estariam sendo usados como “mulas” para o transporte de drogas, além de estarem consumindo nas aldeias.

O *epadu* é uma droga típica dos indígenas da região, mas a droga que está sendo transportada pelo tráfico internacional através dos indígenas, é a cocaína colombiana.

### 5. Gerenciamento de bacias hidrográficas

O plano nacional de gerenciamento de bacias hidrográficas, lançado em 2005 pelo governo brasileiro, na divisão geográfica dos estados e das mais importantes bacias do País, prevê que no Estado do Pará, a capital Belém fica com o Comitê de bacia hidrográfica do Rio Tocantins, e no Amazonas a capital Manaus, fica com o Comitê de bacias hidrográficas do Rio Amazonas/Solimões.

Maiores informações sobre esse tema e outros que envolvem a questão ambiental e as políticas públicas executadas pelo governo brasileiro, podem ser localizadas no sítio do Ministério do Meio Ambiente ([www.mma.gov.br](http://www.mma.gov.br)), do Instituto brasileiro do meio ambiente e dos recursos naturais renováveis ([www.ibama.gov.br](http://www.ibama.gov.br)) e da Agência nacional das águas ([www.ana.gov.br](http://www.ana.gov.br)).

### 6. Instituto nacional de pesquisas amazônicas

O *Projeto de dinâmica biológica de fragmentos florestais*, do Instituto nacional de pesquisas amazônicas-Inpa ([www.inpa.gov.br](http://www.inpa.gov.br)) possui um extenso banco de dados sobre fitodemografia (árvores com diâmetro > 10 cm; 66 plots de 1 ha inventariados) e solos. Também existe um laboratório de Gis, com extenso banco de imagens de satélite e videografia e seqüências temporais de imagens Landsat de nossa área de estudo.

Nas áreas de estudo também são oferecidos dois cursos anuais dentro do Programa de treinamento. Em 2000 o Projeto recebeu o Prêmio Henry Ford de Conservação ambiental (categoria Ciências e formação de recursos humanos) pelas suas importantes contribuições científicas para a Amazônia e por seu papel de destaque na formação de lideranças em conservação na região.

O curso *Ecologia da Floresta Amazônica* é direcionado à alunos de pós-graduação em ecologia ou áreas relacionada ao trabalho nos Neotrópicos. Este curso intensivo de campo é realizado nas matas úmidas próximas a Manaus. O curso é oferecido pelo Pdbff em parceria com a Universidade de Campinas e com a Organização para estudos tropicais (Oet). Anualmente são capacitados 20 estudantes que desenvolvem pesquisas diárias, evidenciando as etapas de planejamento, coleta, análise de dados e apresentação dos resultados oral e escrita. Através da participação de

pesquisadores do Brasil e exterior os alunos estreitam contatos e recebem informações atuais sobre ecologia tropical.

O curso *Fragmentação na paisagem amazônica* é dirigido à profissionais da área ambiental, sejam alunos de graduação ou técnicos especializados em meio ambiente. O curso procura difundir o conhecimento produzido pela pesquisa científica realizada na região. Ele estimula a reflexão sobre os impactos da ocupação humana na floresta, evidenciando resultados de interesse direto para: o manejo de reservas e unidades de conservação, minimizar danos e diminuir impactos sobre o funcionamento da floresta; para o planejamento da ocupação de terra; e para o desenvolvimento de políticas públicas que tomem por base o conhecimento científico.

O Pdbff oferece também apoio financeiro para pesquisa realizada por alunos de programas de Pós-graduação no Brasil e no exterior que desejem trabalhar dentro dos fragmentos florestais que integram o Pdbff. O apoio é dado na forma de facilidades logísticas de campo como transporte, ajuda técnica e alimentação, além do financiamento de material de consumo e pequenos equipamentos essenciais para a pesquisa. No Pdbff o aluno possui um ambiente favorável para o desenvolvimento da tese como, biblioteca, computadores e sala de estudos. Hoje são mais de 100 teses de pós-graduação apoiadas pelo Pdbff desde a sua criação.

